

*De Clarissa Macedo*

## **Lembrança**

Os bichos de ontem  
visitaram meu quarto.

De novo a infância de medos  
vem ao meu sonho,  
leito continuamente acordado.

Outra vez o cheiro velho  
daquela casa mofada  
e as urtigas da mulher,  
que sem doces dava-me pesadelos,  
rasgam meus espinhos escondidos.

Daquela mulher de senões  
vi a crosta de olhos traídos  
vi a semente sutil  
que ejaculava mistérios.

Mil vezes fugi dali.  
Um milhão de vezes lá voltei.

O sempre é nunca,  
é um rubor de pernas molhadas  
são unhas vermelhas de dor.

Daquela mulher de longas saias  
e repentes e tapas e bafejos  
trago a dor eterna estampada  
dos tremores e segredos  
que não entendo  
mas que sempre reconheço correndo  
aos meus choros e medos.

## Verão pontual

Poema feito em casa de Hamilton,  
ao som de Piazzolla, tocado por Lázaro  
e Hamilton. Victor, violinista, observava.

Meu sentimento tem imensas ilusões  
Por isso de mim correm os mais bravios rios,  
corre o sangue ancestral de ávidos clarões

por isso de mim chove a dança dos afogados  
dos loucos e dos enforcados, amantes de ventura  
e descaminho

Da íris do seio da laranja bruta  
bebo as muitas águas  
sigo imersa em mortes e sarçais  
meço teu antro de liras cafetinas,  
canto, teu pau, encarniçada  
bebo dos teus filhos que não nasceram  
e dedilho cortes de guerra que não cresceram.

Afino triste a canção final da alvorada,  
que suja meu sangue e meu amor,  
verdade lúdica e ordinária.

## **Enterro**

Com bonecas guardadas na poeira,  
sem pernas e braços,  
alimentei o luxo das traças.

Essas, que pacientes comem a carcaça  
de quinhentas feras, roem as bonecas  
da minha infância desmesurada.

No cemitério de lixo, dormem trágicas  
as bonecas despenteadas.

Vida, que leva as águas da guerra,  
por que zomba da infância deserta  
com tantos sustos e arquejos?

Se eu existisse, arrancaria a haste  
da urtiga.

## Matéria

Sou velha e não posso morrer  
Estou morta e não posso morrer

A existência fria me come os laços  
A vida jovem me arranca os olhos

Pastos de ideias fúnebres da madrugada  
São casas tontas que flutuam na tarde

Em mim luas sombrias e passos rápidos.

Então, mato todos aqueles que não podem haver  
Todos eles que seguem cegos a longa estrada

Triste é o homem: aprende a amar  
Quando já não pode amanhecer

---

**CLARISSA MACEDO** (BAHIA). Revisora, escritora e produtora cultural. Cursa Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). Está presente nas coletâneas Godofredo Filho (2010), *Sangue Novo* (2011) e *Verso e Prosa – Oficina de Criação Literária III Feira do Livro* (2011). Publicou na Verbo21, no site Musa Rara, no Barçaças, em *A Poesia do Brasil*, *Diversos Afins* e *7faces*. Participou, em 2011, da IV Feira do Livro de Feira de Santana e da 10ª Bienal do Livro da Bahia na abertura da Praça de Cordel e Poesia. Edita o blog *Essa coisa que é o eu* [clarissammacedo.blogspot.com](http://clarissammacedo.blogspot.com)